

LEITURA CRÍTICA DE TIRINHAS: ENFRENTANDO A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

CRITICAL READING OF COMIC STRIPS: FACING RELIGIOUS INTOLERANCE¹

Aline Simplicio da Silva²

Jaciara Josefa Gomes³

Resumo: Reconhecendo o foco do ensino de Língua Portuguesa no texto como ponto de partida e chegada (BRASIL, 1998), discutimos nesse artigo a inserção da leitura crítica do gênero tirinha, a partir de uma intervenção pedagógica realizada como parte das ações/pesquisas do PROFLETRAS. Nesse contexto, a temática foi fundamental pois a intolerância religiosa também está na ordem do dia na sociedade brasileira e a escola não pode se furtar a refletir sobre questões tão caras à formação cidadã. Posto isso, a reflexão aqui proposta se baseia nos postulados do texto (Antunes (2010); Cavalcante (2017); Costa Val (1999); Kleiman (2006); Marcuschi (2008); Silva (2018)), bem como do discurso na perspectiva da análise crítica, mais especificamente no que concerne à interdiscursividade (Fairclough, 2001; Resende e Ramalho, 2013). No que se refere à importância do gênero tirinha para o desenvolvimento deste trabalho, recorreremos às contribuições de Mendonça (2002) e Santaella (2012). Além disso, alguns autores contribuíram para nossa compreensão acerca da temática da intolerância religiosa, bem como do uso do humor para dar sutileza no trato com a temática (Bourdieu (2007); Cirne (1982); Eco (1998); Magalhães (2010); Ramos (2017); Silva (2011)). A pesquisa apresentada nesse trabalho, mostra que desenvolver práticas de leitura que priorizem o pensar sobre temáticas de relevância social é imprescindível para a minimização de preconceitos.

Palavras-chave: Texto; Leitura; Interdiscursividade; Tirinhas.

Abstract: recognizing the focus of Portuguese language teaching in the text as a point of departure and arrival (BRAZIL, 1998), we discuss in this article the insertion of critical reading in the genre comic strip, from a pedagogical intervention carried out as part of actions/researches of the PROFLETRAS. In this context, the theme was fundamental because religious intolerance is also the order of the day in Brazilian society and the school cannot avoid reflecting on issues so dear to citizen formation. Thus, the reflection proposed here is

¹ Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

² Mestre em Letras (PROFLETRAS, 2018). Professora de Língua Portuguesa no município de São Caetano-PE e professora formadora no município de Caruaru-PE

³ Doutora em Linguística. Professora adjunta na Universidade de Pernambuco atuando no Curso de Letras e no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

based on the postulates of the text (Antunes (2010); Cavalcante (2017); Costa Val (1999); Kleiman (2006); Marcuschi (2008); Silva (2018)), as well as on the discourse from the perspective of the critical analysis, more specifically on interdiscursivity (Fairclough, 2001; Resende and Ramalho, 2013). With regard to the importance of the comic genre for the development of this paper, we used the contributions of Mendonça (2002) and Santaella (2012). In addition, some authors contributed to our understanding about religious intolerance, as well as the use of humor to give subtlety in dealing with the issue (Bourdieu (2007); Cirne (1982); Eco (1998); Magalhães (2010); Ramos (2017); Silva (2011)). The research presented in this paper shows that developing reading practices that prioritize thinking about themes of social relevance is essential for the minimization of prejudices.

Keywords: Text; Reading; Interdiscursivity; Comic strips.

1 Introdução

Há muito se discute e questiona sobre as práticas de ensino de Língua Portuguesa em nosso país (SOARES, 1998; MARCUSCHI, 2008; TRAVAGLIA, 2009; BAGNO, 2012; POSSENTI, 2012; ANTUNES, 2014). E nada mais atual do que observar essas discussões e esses questionamentos a partir da percepção de que ler é fazer movimentos críticos acerca de diferentes temáticas de relevância social.

Assim sendo, voltamos nosso olhar para o material essencial para os estudos da linguagem: o texto. A escolha criteriosa dos textos e também da temática abordada nestes pode contribuir para que o que se deseja em termos de desenvolvimento de leitura crítica e reflexiva por parte de nossos estudantes tenha ou não êxito.

Foi partindo desse princípio que escolhemos nosso material de trabalho e análise, as tirinhas de Um Sábado Qualquer⁴, pois este proporciona ao leitor a construção de sentidos a partir do viés crítico e ideológico, além de ser um

⁴ As tirinhas de Um Sábado Qualquer, com as quais desenvolvemos o nosso trabalho, foram criadas por Carlos Ruas em 2009 e têm como temática principal a religião. De maneira bem-humorada e crítica, o autor questiona as religiões e suas verdades absolutas, o respeito às crenças, além de inserir outras temáticas como sexualidade e política. Na atualidade, as tirinhas de Um Sábado Qualquer são muito lidas e acompanhadas através das redes sociais. Na página <<http://www.umsabadoqualquer.com/>> são disponibilizadas informações sobre o autor, bem como sobre os personagens, além de conter todas as tirinhas produzidas por ele.

texto dinâmico que favorece a didatização de conteúdos linguísticos sobretudo por sua constituição explicitamente multimodal.

Torna-se imprescindível para a formação crítica do leitor a oferta da possibilidade de rompimento com o óbvio e este rompimento é favorecido pelo material dessas tirinhas visto que permite ao leitor pensar, questionar, criticar, indagar, refletir, sobre crenças, idealizações e limitações quando o assunto é religião.

Um dos temas, dentro do tema macro que é a religião, que as tirinhas dão margem para reflexões e debates, é a (in)tolerância religiosa. Foi sobre este que nos propusemos levantar questionamentos, leituras e construção de sentidos a partir da análise (leitura crítica) dessas tirinhas. O enfrentamento da (in)tolerância religiosa é algo urgente e, diante do papel social exercido pela escola, esta não pode se furtar de abordar questões pertinentes acerca do respeito e aceitação das diferenças, sejam elas de qualquer ordem.

A (in)tolerância religiosa, assim como o preconceito racial, o preconceito de gênero e outros temas precisam estar inseridos nas salas de aula por permitirem um “pensar sobre” e a escola, sendo o ambiente do “pensar sobre”, não pode se esquivar de tais temas. Ainda que vivamos tempos sombrios de mordada educacional, resistir, enfrentar e promover a reflexão crítica é a única forma de modificar a realidade. Essa nos parece ser uma formação cidadã mais apropriada para a melhor convivência e respeito social com dignidade, justiça e igualdade.

Dessa forma, discutiremos neste artigo questões pertinentes sobre texto e interdiscursividades, bem como concepções voltadas à percepção da leitura como prática social. Além disso, é imprescindível levantar aspectos relevantes do gênero sobre o qual nos debruçamos neste trabalho e também sobre o humor como ponto de partida e de chegada para se discutir temas de grande impacto social como a (in)tolerância religiosa.

2 Texto e interdiscursividade: reflexões sobre o texto e discurso no ensino de Língua Portuguesa

Ao tratarmos do ensino da Língua Portuguesa, LP de agora em diante, é imprescindível que percebamos o texto como a unidade básica para esse

ensino. É a partir do texto, nele e para além dele, que construímos sentidos e significados diante do mundo.

Torna-se necessário, então, concebermos o texto como unidade de sentido e para isso definirmos o que podemos considerar como texto. Como afirma Costa Val (1999, p. 3), “Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa semântica e formal”. Assim sendo, para que tenhamos um texto é fundamental a possibilidade de construir sentidos a partir do se lê, pois como diz Antunes (2010, p.30), “(...) todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo”.

É essencial destacarmos também o aspecto interacionista do texto, afinal o texto

(...) não se constitui sozinho, mas sim leva em consideração a interação, sendo de extrema importância o papel do interlocutor. Não escrevemos no vazio ou para ninguém, cumprimos um propósito de comunicação durante o processo de escrita e, para tanto, levamos em consideração o interlocutor (SILVA, 2018, p.33).

Assim sendo, o texto é fruto de construtos sociais, da interação entre os interlocutores e, portanto, cumpre propósitos socialmente definidos. Como compreende Cavalcante (2017, p.18), “o texto permeia toda a nossa atividade comunicativa” e, portanto, devemos percebê-lo como o início e o fim do caminho para um ensino satisfatório de LP.

Tendo como base o texto, rompemos com um ensino de língua que limite o contato do estudante apenas com o sistema linguístico e suas regras e evidenciamos um ensino pautado no uso, nos sentidos possíveis de serem construídos. Dessa forma, privilegiamos a compreensão textual e possibilitamos uma amplitude de abordagens da língua a partir de suas funcionalidades.

Diante disso, ao realizarmos leituras, sejam elas no contexto escolar ou social, acionamos diversos outros textos que fazem parte de nosso repertório, afinal, como nos argumenta Silva (2018, p.43) “toda leitura realizada é uma cadeia de informações, uma ligação de um texto a outro ou outros lidos durante a vida de um indivíduo”. Neste processo de cruzamento de textos, surge a

interdiscursividade que é “a presença de discursos outros em determinados discursos” (SILVA, 2018, p.44). Nessa perspectiva, situamos discurso a partir da vertente da Análise Crítica do Discurso, ACD de agora em diante, já que nos interessa compreender o discurso como parte da vida social.

Assim sendo, a proposta de trabalho com as tirinhas de USQ, que aqui será exposta, preconiza práticas de leitura que viabilizem uma reflexão crítica e isso só se torna possível uma vez que o leitor assume o papel de agente transformador rompendo com discursos e ideologias socialmente impostos quando o assunto é a religiosidade.

Admitimos, então, à luz da ACD o paradigma funcionalista do discurso, pois como nos explicam Resende e Ramalho (2013, p.13),

Para analista do discurso, somente o conceito funcionalista de discurso é aplicável, uma vez que o foco de interesse não é apenas a interioridade dos sistemas linguísticos, mas, sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias no discurso. Está claro, entretanto, que o conhecimento acerca da gramática – uma gramática funcionalista – é indispensável para que se compreenda como estruturas linguísticas são usadas como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas.

Assim sendo, à luz da ACD, propor práticas de leitura com as tirinhas de USQ possibilita uma reflexão crítica e desperta no leitor um anseio pelo rompimento com práticas abusivas de imposição ideológica. Vale destacar que conceituamos ideologia também a partir da ACD, pois como afirma Fairclough (2001, p. 117) ideologias

(...) são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Nesta perspectiva, compreendemos que o combate ao desrespeito, foco da leitura crítica de que trata este trabalho, esbarra nas ideologias e também em discursos hegemônicos de supervalorização de uma crença em detrimento de outra. Assim sendo, para Fairclough (2001, p. 117)

As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de 'senso comum'; mas essa propriedade estável estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência a 'transformação' aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação. Quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição, há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológica.

Não podemos deixar também de destacar que há muitos princípios que compõem a textualidade, como os de ordem linguística coesão e coerência, e os de ordem pragmática como intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade, todos fundamentais para o processo de leitura. Esses elementos não fazem sentido em si, mas na relação entre produtor e o leitor do texto. É nesse movimento entre os interlocutores que encontramos possibilidades várias de ação diante de temas de grande relevância social e podemos perceber a leitura como uma prática social, como trataremos a seguir.

3 Leitura como prática social

Uma das questões mais complexas quando nos remetemos ao ensino e aprendizagem da língua diz respeito à artificialidade nos processos desse ensino. Mesmo trabalhando com algo vivo e rico, muitas vezes o ensino de LP é conduzido de maneira inadequada e acaba por distanciar os alunos de práticas significativas de leitura.

Uma proposta de ensino de LP que preconize os usos reais da língua perpassa por conceber a leitura como uma prática social. Segundo Kleiman (2006, p. 25),

As nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam. São as situações sociais, com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades que podem ser realizadas, que tipos de contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis.

Assim sendo, destacamos que somente na convivência social os enunciados ganham sentido. Afinal, como nos diz Marcuschi (2008, p. 231), “a compreensão é também um exercício de convivência sociocultural”.

Dessa forma, para que tenhamos um leitor que leia, compreenda, aguçe seu senso crítico e transforme o lido em uma vivência social transformando a realidade que o cerca, é indispensável que as práticas de leitura propostas a este leitor tenham como objetivo torná-lo um sujeito letrado. Na perspectiva do letramento,

Um indivíduo considerado letrado é aquele que vai muito além das linhas escritas de um texto. É o que consegue perceber nas entrelinhas o não dito explicitamente. Além disso, consegue perceber também a leitura como forma de ação social, modificando sua realidade e (re)pensando sobre ela. É também considerado um sujeito letrado aquele que faz uso dessa leitura para além dos muros da escola, vivenciando-a em suas práticas sociais (SILVA, 2018, p.32).

Partindo da premissa de que um sujeito letrado é capaz de fazer uso da língua nas suas mais variadas formas de comunicação, defendemos também que este sujeito letrado é capaz de usar a língua como instrumento de debate sobre crenças, valores e atitudes, agindo assim de maneira cidadã.

Silva (2018, p. 32) reafirma

(...)a necessidade de um ensino de língua que possibilite a leitura como prática social, como ação integrada do indivíduo para com a sociedade, fazendo uso dos conhecimentos aprendidos na escola dentro de um contexto de uso situado e com um propósito socialmente definido e não apenas como práticas escolarizadas sem finalidades sociais.

A formação do cidadão crítico está intimamente relacionada ao processo de ensino que promova práticas de leitura que priorizem a reflexão e que aguçam a capacidade do indivíduo de reagir diante do mundo.

Defendemos, então, que é indispensável, no desenvolvimento de atividades que visem à formação proficiente de leitores, o contato com os mais variados gêneros textuais. Dentre eles, destacamos o gênero tirinha, sobre o qual pontuaremos alguns aspectos a seguir, por entendermos que esse gênero

possibilita o contato com diferentes aspectos da língua, sejam de ordem estrutural ou semântica e/ou pragmática.

3.1 Leitura do gênero tirinha

Em um mundo cada dia mais tecnológico, atrair a atenção dos jovens a partir da leitura de textos acaba se tornando um desafio também para o ensino de LP. Por isso, torna-se primordial pensar em uma leitura que desperte o interesse do estudante e que, a partir dela, este possa encontrar o seu lugar como sujeito de uma sociedade.

Assim sendo, compreendemos que o gênero tirinha acaba por possibilitar, com maior facilidade, o desenvolvimento da leitura crítica em sala de aula. Defendemos isso pelo fato de o gênero tirinha ter um aparato visual que atrai a atenção dos jovens, além de proporcionar uma leitura aparentemente mais rápida por serem mais curtas, o que possivelmente colabore com a intenção de despertar o interesse dos estudantes pela leitura.

Para Santaella (2012, p. 14)

“(...) desde a invenção da fotografia, depois seguida de uma série de meios imagéticos – cinema, televisão, vídeo -, e agora em plena efervescência dos meios digitais, com suas variadas interfaces – computadores, desktops, iPhones, iPads -, o ser humano está rodeado de imagens por todos os lados, em cada canto e minuto do seu cotidiano, isso sem considerarmos que, quando dormimos, continuamos a ver imagens nos sonhos. Diante disso, nada poderia ser mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem.”

Dessa forma, acreditamos que as tirinhas, ao fazerem uso da linguagem verbal e da linguagem não verbal, tornam-se uma leitura atrativa para as diferentes idades, inclusive para os jovens, além de favorecerem a produção de sentidos almejada no desenvolvimento do trabalho com a língua.

De maneira mais geral, é característica do gênero tirinha trazer uma crítica fazendo uso, muitas vezes, do humor para isso. As tirinhas de USQ não fogem a essa característica o que corrobora com as intenções de transformar o

aluno em um leitor proficiente, crítico e possa romper com conceitos socialmente impostos.

Outro aspecto relevante sobre as tirinhas de USQ é que as consideramos do subtipo tiras-episódio, pois “(...) o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens” (MENDONÇA, 2002, p.198).

Diante do caráter dinâmico assumido pelo gênero tirinha, quando este associa imagem e escrita, e também sendo de leitura acessível aos diferentes tipos de leitores, esse gênero colabora com o desenvolvimento de práticas de leitura que tenham como objetivo a construção de sentidos. Aprofundaremos, então, nossa discussão observando o humor como colaborador para que haja a construção da crítica nesse gênero.

3.2 O humor como crítica social: a (in)tolerância religiosa

Ao lermos um texto, uma das grandes questões que se tornam indispensáveis para o leitor é a percepção de sua intencionalidade. Os elementos que fazem parte dele, sejam textuais ou extratextuais, nos servem como indícios para que possamos compreender os seus propósitos comunicativos. Quando falamos sobre o gênero tirinha, percebemos a recorrência do uso do humor como um desses indícios que nos servem de suporte para que possamos captar os sentidos do texto.

Sabemos também que este humor tem como propósito além de levar ao riso, tratar de temáticas densas e polêmicas de maneira mais suave. A estratégia utilizada pelos produtores do gênero é romper com as expectativas do leitor e nesse rompimento surge o humor. Para Ramos (2017, p. 64),

Essa estratégia de criar uma situação inesperada é o que leva à produção do humor. É como nas piadas: há uma espécie de armadilha no final da narrativa, que apresenta uma situação até então imprevista, surpreendente, e que gera a comicidade.

Essa estratégia que gera o humor favorece também o despertar para a criticidade, pois, a partir do momento em que rompemos com o esperado, abrimos nossa mente para o novo. Percebemos isso com clareza nas tirinhas

de USQ quando elas nos permitem reconhecer personagens com comportamentos inusitados e diferentes daqueles que esperávamos quando nos baseamos no texto original. Sobre essa questão, Magalhães (2010, p. 29) ressalta que “o desafio do humor é construir um texto evocando outro texto que apresentará uma oposição em suas proposições, deflagradas pelo jogo de significados por via de elementos semânticos”.

Vale salientar que, ao desejarmos promover em sala de aula leituras que priorizem o desenvolvimento cidadão estudante, é indispensável a utilização de textos que permitam essa reflexão. Assim sendo, percebemos que a contribuição das leituras que promovam o acesso dos estudantes ao humor e, conseqüentemente, à crítica é ampla, visto que permite tanto o acionamento de uma dinâmica linguística, quanto uma mobilização de conhecimentos enciclopédicos para que se alcance a compreensão.

Ressaltamos que propor leituras que permitam uma análise crítica da realidade social na qual o aluno se encontra, através também do humor, colabora para que a compreensão e a construção de sentidos sejam estabelecidas. Destacamos, então, que outro aspecto a ser evidenciado nos textos que revelam humor é o fato de eles deixarem a leitura mais leve, favorecendo também a construção de sentidos.

A exploração de temáticas propostas a partir do humor promove a reflexão e pode colaborar para a desconstrução de rótulos. Referindo-nos especificamente ao tema da (in)tolerância religiosa, o humor objetiva propor a tolerância a partir da quebra de expectativa do leitor sobre personagens tidos como intocáveis pela sociedade, como é o caso de Deus.

Percebemos, então, que as construções cômicas se revelam como uma contestação à realidade, como formas de questionamento e, mesmo provocando o riso, revelam-se também como formas de posicionamento político. Nas palavras de Cirne (1982, p. 23),

Ao se valer dos mecanismos da cultura de massa, o quadrinheiro, a rigor, compromete-se política e socialmente com o tempo histórico que marca a sua existência enquanto ser concreto no interior das classes sociais, assim como se compromete ao recusar esses mesmos mecanismos. De uma forma (dentro da cultura de massa) ou de outra (à sua margem), o artista de quadrinhos só tem um

compromisso: com a realidade. Este compromisso, decerto, não se esgota em um realismo estreito, de cunho idealista.

Neste comprometimento político e social, o humor tende a mostrar a realidade de maneira a desestabilizar os conceitos preestabelecidos acerca de determinados assuntos, em geral assuntos que causam polêmicas e divergências de opiniões. Especificamente relativo ao nosso tema, o humor leva à reflexão de maneira mais leve e permite que os leitores, mesmo não tendo as mesmas opiniões, busquem a prática da tolerância.

O humor nos permite tocar em temas tidos como intocáveis. Esses temas passam a ser debatidos proporcionando possíveis reações frente a eles. Esse é o caso da temática das tirinhas de USQ. O não reconhecimento da diversidade, a não aceitação do outro, a tentativa de sobreposição de uma religião a outra, são evidências de que ainda vivemos em uma sociedade que constrói estereótipos baseados na visão de suposta superioridade ou de erro. Essas visões são reducionistas e apenas instigam o desrespeito, o preconceito e a violência. Neste sentido, a escola é o espaço destinado à conscientização, à revolução do pensamento.

É preciso que haja o enfrentamento do desrespeito às diferentes religiões, pois esse desrespeito não se dá de maneira gratuita. Nele está arraigada uma ideia de poder, de domínio social e cultural, uma ideia de superioridade. Não abrir espaço para que todas as religiões sejam aceitas predispõe um suposto monopólio de determinada religião em detrimento de outra. Sobre isso, Bourdieu (2007, p. 57) argumenta que:

Indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exército legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa.

Partindo da premissa de que a religião é um artefato cultural e que deve ser vivenciada de maneira plena e livre de preconceitos, reconhecemos que o debate acerca dela é urgente e necessário. Afinal, o desrespeito às diferentes

religiões constitui forma de violência e lutar contra a (in)tolerância também é papel da escola. Umberto Eco (1998, p. 117) afirma que:

Educar para tolerância adultos que atiram uns nos outros por motivos étnicos e religiosos é tempo perdido. Tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tem início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais.

Percebemos, então, que em nosso país, seja de ordem religiosa ou não, as agressões revelam a não aceitação das diferenças, a dificuldade que ainda existe de conviver com a diversidade. E reconhecendo que a escola cumpre um papel social de promover a reflexão e de tentar combater o desrespeito à diversidade, destacamos a relevância de proporcionar o acesso a leituras que permitam o despertar para a criticidade. Silva (2011, p. 93), nos aponta que:

A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A explicitação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica (isto é, não geradora de novos significados), será feita através da caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, CONSTATAR, COTEJAR e TRANSFORMAR. (grifos do autor)

Diante do proposto pelo autor, o aluno, a partir do acesso aos textos que o permitem refletir acerca da (in)tolerância religiosa, constata a realidade sociocultural de preconceito e estigma referente às diferentes religiões, analisa e confronta essa realidade e transforma seu modo de pensar e de agir frente às diferenças. É neste processo de reflexão e ação que o leitor crítico é concebido, não apenas em debates sobre a (in)tolerância religiosa, mas também sobre diversos outros temas que necessitem de aceitação do outro e também de si mesmo.

Sendo assim, para que uma leitura seja significativa, os sentidos produzidos para ela devem priorizar o rompimento com o óbvio e quem sabe até uma mudança de postura social. É neste situar-se enquanto sujeito social ativo, participativo e cidadão que as leituras devem ser realizadas. Esse leitor crítico, frente a uma realidade de (in)tolerância religiosa, é movido a posicionar-se contrário a uma realidade de desrespeito e tende a questionar,

problematizar e produzir sentidos que favoreçam a aceitação das diferentes religiões existentes, tanto no contexto macro, a sociedade, quanto em um contexto micro, a escola ou a comunidade em que vive.

Assim sendo, temos a partir da escola e mais especificamente nas aulas de LP, a leitura como aliada na tentativa de despertar o aluno para a criticidade acerca de temáticas que preconizem o respeito e aceitação, como é o caso do debate sobre a (in)tolerância religiosa.

Diante das observações feitas sobre o humor como fonte no despertar para a criticidade, reafirmamos que debater a (in)tolerância religiosa através das tirinhas contribui para a formação cidadã dos estudantes. O fortalecimento de atitudes que visem combater o desrespeito nas suas mais variadas formas de expressão deve ser propósito da escola, pois apenas assim conseguiremos uma sociedade mais justa e igualitária. É essencial, então, que analisemos possibilidades com essas leituras para que haja um enfrentamento da (in)tolerância religiosa.

3.3 Desenvolvimento de competências de leitura para o enfrentamento da (in)tolerância religiosa

Um trabalho com a perspectiva de desenvolver discussões e reflexões acerca da intolerância religiosa justifica-se em qualquer ambiente de ensino, pois não se pode conceber uma escola na qual o social não seja trabalhado. Os PCN (1998) falam em diversidade e nada mais coerente que falar e debater na escola temas que pertençam ao cotidiano dos estudantes. Além disso, é um dos objetivos dos PCN (1998, p. 33) “conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia”. Associado a isto, ressaltamos a garantia legal da livre expressão religiosa, respaldada pela Constituição Federal que em seu artigo 5º, garante, dentre outros direitos, a liberdade religiosa, enfatizando que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza(...)”. (BRASIL, 1988)

Além disso, apesar de o discurso propagado em nosso país ser o de que vivemos em um estado laico, ao analisarmos os noticiários, percebemos que há uma contradição dentro da nossa própria representatividade política quando se diz haver uma “bancada evangélica” no Congresso Nacional. Vamos muito

além disso quando há permissões legais para que se possa ensinar, em escolas públicas de um país laico, a partir de uma única crença.⁵

Mais recentemente presenciamos a demolição de um terreiro de candomblé, por ordem do governo do Distrito Federal, com a alegação de que havia irregularidades na construção. No entanto, outras construções com irregularidades na mesma localidade permanecem intactas, o que nos leva a questionar o motivo pelo qual apenas o terreiro foi alvo da ação. A Ordem dos Advogados do Brasil interveio na ação por compreender que se trata de um caso claro de intolerância religiosa⁶.

Baseados nas questões expostas acima, elencaremos possibilidades de leitura crítica a partir das tirinhas de USQ com foco no combate à intolerância religiosa, visto que são urgentes práticas que preconizam o respeito à diversidade. Propomos, então, a observação das tirinhas que seguem:



Fonte: Blog Um Sábado Qualquer, acessado em 27/07/2017, às 22h.



Fonte: Blog Um Sábado Qualquer, acessado em 27/11/2017, às 22h.

⁵ A notícia sobre a decisão do Supremo Tribunal Federal sobre o ensino confessional em escolas públicas encontra-se disponível no site <<https://g1.globo.com/politica/noticia/supremo-permite-promocao-de-crencas-no-ensino-religioso.ghtml>> Acesso em 02 de novembro de 2017.

⁶ A matéria sobre a demolição do terreiro de candomblé do Distrito Federal encontra-se na íntegra disponível em <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/05/24/casa-de-candomble-e-derrubada-pelo-governo-do-df-intolerancia-religiosa-diz-oab.ghtml>> Acesso em 03 de junho de 2019.

Inicialmente, torna-se imprescindível realizar os movimentos de leitura necessários para garantir que os estudantes possam explorar todos os aspectos do gênero em questão. Observar a linguagem verbal, as imagens, as expressões faciais e corporais dos personagens, bem como suas características físicas e psicológicas⁷. Após esse momento de exploração da leitura, é fundamental propor questões que permitam aos alunos pensar sobre aspectos da intolerância religiosa permitindo, assim, que os alunos possam romper com estigmas acerca das diferentes religiões. Algumas possibilidades de questionamentos são: A partir de elementos das tirinhas, qual o comportamento das pessoas quando o assunto é religião? “Eles ficam tacando bombas em mim, alegando que só Alá é o Deus verdadeiro”, como você classifica esse tipo de comportamento citado por Deus na tirinha? Você concorda com essa atitude? Justifique sua resposta. A partir das duas tirinhas lidas, qual crítica podemos destacar?

Além de abordar questões que promovam a produção de sentidos e o combate à intolerância religiosa, as tirinhas também possibilitam desenvolver competências de leitura na dimensão linguística do texto. Explorar pontos como referente, expressões referenciais, significação de palavras, dentre outros, colabora para que se consiga atingir níveis satisfatórios de coesão, coerência e inferência na realização da leitura dos textos. Não iremos aprofundar esses aspectos por não serem nosso objetivo neste trabalho, no entanto, salientamos que as tirinhas constituem um rico material para exploração de muitos aspectos da língua.

Analisemos, agora, outra tirinha de USQ. A partir dela, algumas questões que agucem o senso crítico dos estudantes podem ser abordadas, encaminhando-os para a construção de sentidos e significados e possibilitando o enfrentamento da intolerância religiosa. São elas: O discurso de “sofrimento eterno” é defendido pelas religiões? Com qual intenção você acredita que há a disseminação na sociedade da ideia de “sofrimento eterno”? A visão de pecado é a mesma em todas as religiões? Todas as religiões acreditam no inferno da mesma maneira? Como é o comportamento de

⁷ Em um trabalho mais minucioso com as tirinhas de USQ, sugerimos que os alunos possam ter contato com a página nas redes sociais para compreenderem como surgiu a proposta das tirinhas, bem como das personagens que têm características diferentes das conhecidas através das religiões. Sugerimos também que pesquisas sejam realizadas afim de ampliar o repertório dos alunos e colaborar para que eles possam realizar inferências e também comparações entre as personagens de USQ e as personagens bíblicas. Dessa forma, pode-se garantir o princípio da coerência, essencial para a produção de sentidos.

Luciraldo? Esse comportamento rompe com o comportamento socialmente esperado?
Explique.



Fonte: Blog Um Sábado Qualquer, acessado em 27/07/2017, às 22h.

Ao fomentar essas reflexões, permitimos ao leitor o rompimento com paradigmas e isso colabora com a intenção de minimizar preconceitos. Apenas quando aceitamos que há diversos pensamentos acerca da mesma temática e não nos sentimos afrontados com isso é que podemos pensar em aceitação e respeito. Nesse sentido, o uso do humor nas tirinhas nos faz enxergar uma temática tão densa de maneira mais leve e descontraída o que coopera com a mudança de comportamento frente a um tema tão profundo.

A tirinha que segue nos permite pensar sobre questões de crença e, a partir dela, refletir sobre as diferentes formas de perceber a figura de Deus na sociedade, inclusive se abstendo de acreditar. A partir da leitura dessa tirinha, podemos propor questionamentos do tipo: Qual o sentimento de Deus com a fala de Jesus? Por qual motivo isso acontece? De fato, há pessoas que não acreditam em Deus? Se buscarmos associar a fala “Eu não acredito em você” com a diversidade religiosa, a que conclusão podemos chegar? A liberdade de crença deve ser respeitada em nossa sociedade? Por quê?



Fonte: Blog Um Sábado Qualquer, acessado em 27/07/2017, às 22h.

A partir desses questionamentos, é possível promover uma reflexão crítica e propor o acolhimento das diferentes formas de conceber a religiosidade, inclusive na ausência desta. Difundir o respeito à diversidade religiosa é algo urgente e quando trabalhado minuciosamente com os jovens há grande expectativa de mudança de comportamento frente à intolerância.

Para concluirmos as propostas de leitura crítica das tirinhas de USQ, vamos ler a tirinha que segue para a partir dela propormos questionamentos que instiguem à reflexão dos alunos acerca das diferentes religiões existentes, bem como da aceitação de cada uma delas na sociedade e dos comportamentos frente às diferenças.



Fonte: Blog Um Sábado Qualquer, acessado em 27/07/2017, às 22h.

Após a leitura da tirinha e exploração dos elementos textuais, algumas questões podem ser exploradas visando à reflexão dos alunos acerca das diferentes religiões, sendo elas: Observando as personagens, podemos dizer que elas são praticantes da mesma religião? Como cada personagem concebe a religiosidade? As personagens parecem falar a “mesma coisa”, por qual motivo elas brigam? Brigar é uma forma respeitosa de lidar com as diferenças? Como você considera esse comportamento das personagens da tirinha?

Além da leitura das tirinhas, leituras complementares e pesquisas podem ser propostas para que o repertório dos alunos seja ampliado, possibilitando o cruzamento de informações em diferentes textos.⁸

4 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo propor práticas de leitura, a partir do gênero textual tirinha, que objetivassem o desenvolvimento da leitura crítica acerca da temática da (in)tolerância religiosa, à luz das teorias desenvolvidas por Antunes (2010); Cavalcante (2017); Costa Val (1999); Kleiman (2006); Marcuschi (2008); Silva (2018); Fairclough (2001) e Resende e Ramalho (2013), sobre texto e discurso. Com relação ao gênero tirinha, pautamo-nos nas discussões de Mendonça (2002) e Santaella (2012). Acerca do humor como forma crítica social para o debate acerca da (in)tolerância religiosa, conduzimos as discussões com base em Bourdieu (2007); Cirne (1982); Eco (1998); Magalhães (2010); Ramos (2017); Silva (2011). A partir disso, sugerimos leituras e questionamentos que pudessem despertar nos alunos a reflexão e propusessem, através de elementos linguísticos e extralinguísticos, a construção de sentidos e significados.

Parece perceptível que propor leituras a partir de um gênero textual de fácil aceitação entre os jovens é um dos caminhos possíveis para trabalhar com temas densos e que possam gerar conflitos, ainda mais quando esse gênero traz o humor como aliado. Formar o leitor crítico é permitir o rompimento com o óbvio e levar o leitor a pensar, questionar, criticar, indagar, refletir e mudar de comportamento.

Diante do exposto, concluímos que formar leitores capazes de não somente decodificar os enunciados, mas de refletir sobre eles e a eles atribuir sentidos e significados é um caminho possível. Além disso, destacamos as reflexões propostas sobre a temática da (in)tolerância religiosa como forma de propiciar mudanças de atitudes e aceitação das diferenças, objetivando o respeito. Destacamos, por fim, que ao pretendermos desenvolver a

⁸ Textos complementares, de diferentes gêneros, que abordem a temática, bem como pesquisas sobre as diferentes religiões podem contribuir significativamente para que os alunos compreendam as diferenças e priorizem, em seu cotidiano, o respeito e a tolerância.

competência leitora em nossos estudantes devemos inserir práticas como as propostas neste trabalho permanentemente, visto que não alcançaremos tal objetivo apenas com um trabalho pontual.

Referências

ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1998.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

CIRNE, M. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé / Angra, 1982.

COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 2 ed.

ECO, U. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

KLEIMAN, A. B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. (Orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAGALHÃES, H. M. G. **Aprendendo com humor**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. (Coleção Ideias sobre Linguagem)

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

POSSENTI, S. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SILVA, E. T. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, A. S. **Práticas de leitura em sala de aula**: uma proposta de reflexão sobre a (in)tolerância religiosa a partir das tirinhas de Um Sábado Qualquer. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras- PROFLETRAS) – Universidade de Pernambuco, Garanhuns, 2018.

SOARES, M. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). **Língua Portuguesa**: história, perspectiva, ensino. São Paulo: EDUC, 1998.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

Recebido em: 06 de agosto de 2019

Aceito em: 20 de novembro de 2019

Publicado em: dezembro de 2019